

## BRASÍLIA QUE ME CRIOU

# O sonho de uma cidade inclusiva

Ministra substituta do TSE, a advogada Vera Lúcia Santana Araújo projeta Brasília como um lugar que acolhe e abriga todos os brasileiros, com respeito pela diversidade

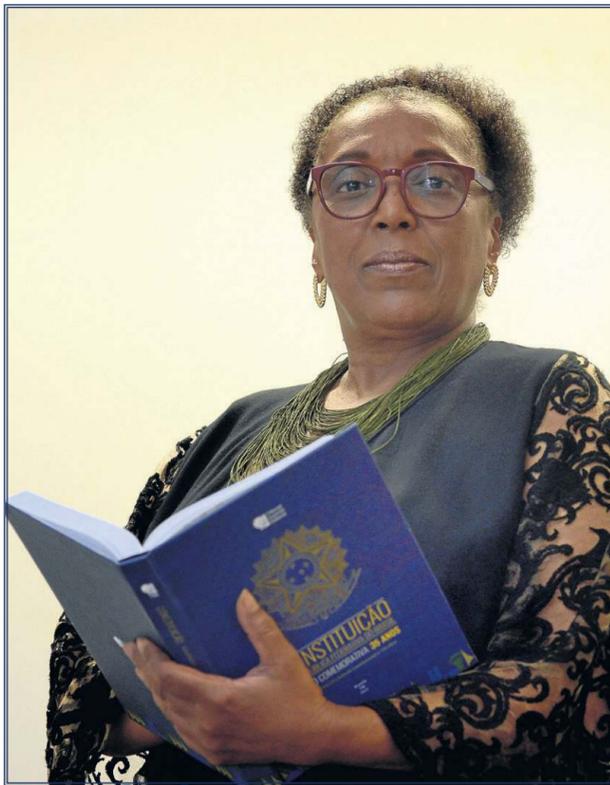
» ARTHUR DE SOUZA

Segunda mulher negra a ser empossada como ministra na história do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), a advogada Vera Lúcia Santana Araújo, 64 anos, é um exemplo de quem sempre, a primeira impressão é a que fica. A magistrada chegou a Brasília em 1978, para estudar direito. “É bem verdade que nos meus dois primeiros anos não gostava da cidade. Sentia muita falta do que eu estava começando a viver em Salvador, de uma legítima rebeldia de contestação à ditadura militar vigente à época”, revela.

Além disso, Vera Lúcia contou que fazia teatro amador na capital baiana. “Ou seja, tinha uma vida cultural e política muito ativa por

lá, que os meus primeiros anos de Brasília não me propiciaram, e isso me impactou muito fortemente”, pontua. “Só que um dia decidi que eu não ia continuar sofrendo além do necessário por não gostar de Brasília. Falei que, até terminar meu curso, ficaria em paz na cidade. Mas a paz foi tão grande que estou aqui até hoje”, brinca a ministra.

Comenta que também se permitiu integrar-se à cidade. “No Ceub, onde cursava direito, comecei a me relacionar com colegas que também tinham uma ideia de liberdade e democracia”, diz. “Passei a atuar no movimento estudantil, fui da direção do Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito e fui representante discente junto ao Conselho Departamental da faculdade”, detalha Vera Lúcia. “A minha integração



**A minha integração à vida política teve um apelo fundamental para que eu viesse a me apaixonar por Brasília”**

Vera Lúcia Santana Araújo,  
ministra substituta do TSE

à vida política teve um apelo fundamental para que eu viesse a me apaixonar por Brasília”, ressalta.

Para a ministra do TSE, um dos locais marcantes durante sua trajetória é a Defensoria Pública, à

época em que ficava em Taguatinga. “Estagiei lá e acho que foi crucial para a minha formação jurídica. Tinha esse interesse na advocacia e, por lá, passei a ter contato direto com juízes e promotores, como a atual ministra do STJ Nancy Andrighi”, avalia.

## Luta pela democracia

Questionada sobre como Brasília a auxiliou para que chegasse onde está, a magistrada destaca

sua participação no processo pelo fim da ditadura militar. “Fazer essas coisas, estando na capital da República e, na época, digamos que Brasília era uma cidade pequena, isso, indiscutivelmente, fez toda a diferença”, observa.

“Se eu estivesse numa cidade grande, seria muito mais anônima, principalmente por ser uma pessoa negra, sem nenhuma tradição de família, sem o berço que as elites brancas traziam, e o mundo do direito é marcado por isso”, argumenta. “Por isso, ter vivido em Brasília no período em que eu vivi, sendo ativa em todos os processos democráticos, foi o que garantiu ter esse assento aqui no Tribunal Superior Eleitoral, não tenho a menor dúvida disso”, crava.

Mas a ministra lembra que a realização de alguns sonhos segue pendente. “Imagino uma cidade inclusiva, menos elitista, menos racista e efetivamente democrática, que nos acolha, que nos abrigue e que seja de todas as brasileiras e brasileiros”, afirma.

Isso só deve começar a ocorrer, na visão da magistrada, por meio de maior representatividade na Câmara Legislativa (CLDF). “Isso é fundamental. Tenho o desejo de que a nossa Câmara Legislativa seja cada vez mais representativa das nossas minorias”, diz. “Eu que lutei tanto pela representação política do Distrito Federal, sinto, como cidadã, esse vácuo de representatividade, e ela precisa ser a marca da nossa democracia”, lamenta. “Mas estou muito confiante — até por ser muito apaixonada por Brasília — de que isso vai melhorar com o passar das eleições.”

## Defensor incansável da democracia

» MILA FERREIRA

Era ditadura quando chegou a Brasília, no ano de 1979, o presidente do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJDFT), desembargador José Cruz Macedo. Então recém-formado em direito, ele já enxergava nos fervilhantes movimentos estudantis da época uma oportunidade para lutar pela democracia. Natural do município de Mauriti, no Ceará, veio para a capital do país a convite da irmã Luíza, que morava por aqui.

“Fiquei impressionado com a capital. Uma cidade diferente de todas as outras que havia conhecido. Um lugar surpreendente”, declara o desembargador. “Aqui, eu tenho orgulho de ter assistido grandes momentos da vida nacional acontecerem”, acrescenta. No período anterior à redemocratização, que aconteceu em 1985, Cruz Macedo se envolveu em movimentos em favor das eleições diretas. “Vivi grandes momentos em Brasília, o maior deles foi a retomada da democracia”, orgulha-se.

O encanto com a cidade se

completou quando Cruz Macedo viu Brasília ser tombada como Patrimônio Cultural da Humanidade, em 1987. “Eu estava aqui e vi esse momento importante para a cidade. Brasília é uma cidade monumental, é diferente das outras, é escandalosamente bonita”, elogia. “Tenho orgulho de ter acompanhado também as regiões administrativas surgindo e crescendo, além da instalação dos fóruns em todas elas”, acrescenta.

## Constituinte

O desembargador lembra, com orgulho, do período em que atuou na Assembleia Nacional Constituinte. Trabalhou com um dos primeiros deputados federais eleitos pelo Distrito Federal, o advogado Sigmarina Seixas, e, com ele, teve a oportunidade de ajudar na elaboração da Constituição de 1988. “Sigmarina foi uma liderança muito importante para Brasília, um líder correto que defendia, acima de tudo, os direitos humanos”, relembra.

Em 2002, após 21 anos advogando e usando o saber jurídico para lutar pela democracia, Cruz

Macedo foi nomeado desembargador do TJDFT. Em 2022, os pares o elegeram para presidir a Casa. Prestes a transferir a presidência, o magistrado faz um balanço dos desafios enfrentados nos últimos dois anos à frente do comando da Casa.

Uma das suas prioridades foi manter a celeridade jurisdicional. “No Brasil, os processos costumam demorar muito, mas esse não é o caso de Brasília. O TJDFT é um dos tribunais mais céleres do Brasil. Nossa média de julgamento de processo é em torno de dois anos, no máximo. A maioria é decidida antes disso. Tanto que fomos agraciados com o prêmio Diamante do CNJ”, destaca, referindo-se à premiação concedida pelo Conselho Nacional de Justiça que utiliza uma metodologia de avaliação dos tribunais sob o olhar do acompanhamento das políticas judiciárias, eficiência, gestão e organização de dados.

Cruz Macedo também manteve um olhar atento ao combate à violência contra a mulher. “Não há nenhum autor de feminicídio solto. Ou faleceram ou estão presos”, atesta o desembargador, segundo

Mila Ferreira



**Aqui, eu tenho orgulho de ter assistido grandes momentos da vida nacional acontecerem”**

Cruz Macedo,  
presidente do TJDFT

cearense a presidir o TJDFT. O primeiro foi José Colombo de Sousa, que presidiu o tribunal no biênio 1970-1972. Agora, passará o comando da casa para o conterrâneo Waldir Leônico. “Pela primeira vez na história um cearense vai

transmitir a presidência do TJDFT para outro cearense”, comemora.

## Cidadão honorário

No último dia 11 de abril, Cruz Macedo foi homenageado com o título de Cidadão Honorário de Brasília. “Aprendi com meus pais que a melhor maneira de vencer na vida é ter fé, ser correto, estudar, trabalhar muito, ter coragem de enfrentar qualquer dificuldade e não desistir. Com esse objetivo vim para Brasília e posso garantir que aqui sou muito feliz”, agradece o presidente do TJDFT.

## O HORIZONTE É SEU

O caminho é pelo Senac-DF

Uma homenagem da nossa instituição para Brasília.

Cursos profissionalizantes de Saúde, Tecnologia, Moda, Gestão, Gastronomia e muito mais!

Acessível e de qualidade.

df.senac.br • 3771-9800 • @senacdf

Senac  
Fecomércio  
Sesc